

LICEU DE CACHOEIRO

Uma fábrica que virou escola

Gabriel Bittencourt

Desmembrado da Vila de Itapemirim, no dia 25 de março de 1867, Cachoeiro mal ultrapassava de três mil habitantes no momento de sua emancipação.

Aliás, por muitos anos, haviam sido alguns dos habitantes de Itapemirim os grandes proprietários de toda a terra marginal ao



rio, onde exerciam soberania absoluta. Entre estes destacamos os Gomes Bittencourt e os Silva Lima (cujo chefe era o barão de Itapemirim).

Da Vila de Itapemirim, vinham estendendo suas propriedades até Cachoeiro. Os Gomes Bittencourt (os Areas), adversários políticos dos Silva Lima, pela margem esquerda, até o atual bairro do Aquidabã, e o Barão, toda margem direita, até as terras do Bananal (próximo a Duas Barras).

O café e a cana exerceram considerável influência na arrecadação do sul da província, e a elite rural concentrava seus esforços nessas duas culturas. Acontece que, nessa época, o açúcar continuava sua trajetória de decadência, de que se ressentia o baixo Itapemirim, enquanto o café, produzido na zona agrícola de Cachoeiro de Itapemirim, permitia mais investimentos na ampliação das forças produtivas. Sua ponte mu-

nicipal, construída em 1887, de estrutura metálica inteiramente trazida por exemplo, da Alemanha, foi totalmente custeada pelos próprios usuários, que pagaram pedágio pela travessia até 1920.

Data de 1846 as primeiras casas comerciais, no coração da vila, próximo à antiga Matriz do Senhor dos Passos, sede da freguesia de São Pedro de Cachoeiro de Itapemirim, quando a urbe seguia sua trajetória, chegando as residências à rua Moreira, marginal ao rio, ou às ruas transversais; pela necessidade de expansão da cidade e/ou fuga das cheias periódicas do Itapemirim, que punham em polvorosa a população.

Em breve, contou com importante comércio, congregando inúmeras casas comerciais de armário, ferragens e, sobretudo, compra e venda de café, dirigidas, muitas, por estrangeiros, atraídos pelas possibilidades desta cultura agrícola. Entre estes, destacamos Samuel Levy, judeu francês que acumulou grande fortuna no comércio do café.

Essa hegemonia econômica de Cachoeiro de Itapemirim, desde o início, formou uma consciência urbana compatível com o final do século, redundando num movimento pelas reformas sociais, políticas e econômicas. Ali recrudescer o movimento abolicionista, ali, também, reuniu-se em 1888, o primeiro congresso republicano da província do Espírito Santo. Foi ainda em Cachoeiro de Itapemirim que o presidente Jerônimo Monteiro, 1908-1912, tentou implantar o primeiro "Parque Industrial" do estado. Depois, vieram os bondes, 1925, tudo isso aliado a uma intensa vida cultural de que se orgulham

os nascidos nessa cidade.

Aliás, foi o cachoeirense Jerônimo Monteiro quem promoveu a primeira grande reforma do ensino público no Estado. Para isso foi buscar, em São Paulo, o educador emérito Carlos Alberto Gomes Cardim.

É dentro deste ambiente renovador, que atingiu o Espírito Santo no governo Monteiro, que se propiciou um momento favorável às letras cachoeirenses, com a criação do mais importante estabelecimento primário da cidade, o "Bernardino Monteiro", etapa ideal de acesso ao Liceu.

Mas os atos do governo 1908-1912 far-se-ão sentir ainda mais na infra-estrutura econômica do Espírito Santo. Originário de uma importante família de cafeicultores, Jerônimo Monteiro dirigirá sua plataforma política também para implantação de indústrias pelo próprio Estado. Para isso celebra inúmeros contratos pa-



ra construção de fábricas de tecidos, cimento, óleo vegetal, açúcar, artefatos de madeira, papel, montadora de máquinas agrícolas, salinas e duas usinas hidrelétricas; quase todos os empreendimentos em sua terra natal, alguns no entorno do antigo centro da cidade, nos arredores da primitiva Matriz de Nosso Senhor dos Passos: as fábricas de papel

e cimento da rua Moreira.

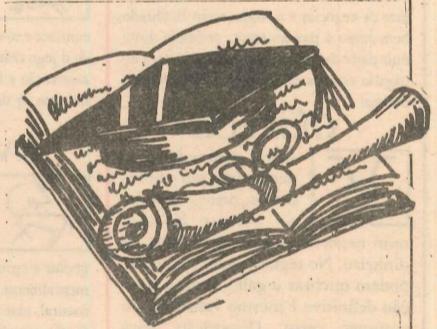
Não houve, porém, condições infra-estruturais para um desenvolvimento manufatureiro expressivo: capitais, mão-de-obra especializada, mercado, e até mesmo matéria-prima. A agonizante Fábrica de Tecidos de Cachoeiro é bem um exemplo disto, lutando até seu fechamento com a carência de algodão.

Outros setores como cimento, madeira, açúcar, álcool, sal, óleo, energia elétrica e, principalmente, papel, raros corresponderam às expectativas dos estímulos governamentais de remuneração dos capitais neles investidos; fechando-se fábricas, paralisando-se empreendimentos, arredando-se unidades produtivas, alienando-se equipamentos, como foi o caso da antiga fábrica de papéis. Destarte, esta política, praticamente isolada de "Capitalismo de Estado", terminou por ficar nos justos limites da ação governamental, recanalizando-se os investimentos públicos e privados para o setor cafeeiro.

É assim que terminou por nascer o Liceu, instalado no prédio da primitiva fábrica de papéis de Cachoeiro, na rua Moreira nº 170, depois do desmonte e alienação do maquinário daquele empreendimento industrial (ou de sua cessão aos Irmãos Weisfloog para a criação da Companhia Melhoramentos de São Paulo, conforme comentou-se à época). É o prédio, portanto, parte do conjunto de edificações da margem norte do rio que compunham os projetos industrializantes de Jerônimo Monteiro.

A fábrica de cimento, na

mesma rua Moreira, um pouco mais abaixo do Liceu, ainda funcionou intermitentemente até sua transferência para a Fazenda Monte Líbano (antiga propriedade da família Monteiro), mas a indústria de papéis, em 1930, com a Revolução, já servia para alojamento das tropas que se acantonaram em Cachoeiro de Itapemirim. Foi nes-



sa época, algum tempo mais tarde (1934), que se decidiu criar uma escola normal e um ginásio na cidade, optando-se pelo formidável prédio da fracassada fábrica da rua Moreira.

Remodelada e adaptada em escola, a tradicional instituição de ensino nada mais lembra o antigo empreendimento industrial, nem mesmo a depredação que sofreu com a ocupação pela tropa revolucionária.

A denominação de Liceu (que já funcionava desde de sete de setembro de 1936) só foi incorporada a ambos os educandários a partir de 3 de janeiro de 1937, nome consagrado por gerações de cachoeirenses que passaram pelos seus bancos, de grata recordação.

Gabriel Bittencourt
é professor da Ufes e tem
vários livros publicados